

# Sumário

Prefácio, 9  
Apresentação, 13

## PARTE I

### **INTRODUÇÃO À ASTROLOGIA, 19**

O que são planetas exteriores?, 20

O mapa astrológico revela as várias dimensões da vida, 22

### **AS CATEGORIAS DE PLANETAS: PESSOAIS, SOCIAIS E TRANSPESSOAIS, 31**

Os planetas sociais, 32

Os planetas transpessoais, 33

### **O QUE É UMA SÍNDROME?, 39**

Como se desenvolve uma síndrome?, 41

Como detectar uma síndrome?, 41

Observações importantes, 43

## PARTE II

### **INCONSCIENTE COLETIVO, INSTINTOS, ARQUÉTIPOS E COMPLEXOS, 47**

Inconsciente coletivo, 47

Instintos e arquétipos, 48

Arquétipos e complexos, 49

Síndromes e complexos, 51

### **AS PERSONAGENS ARQUETÍPICAS: O MITO GREGO DA CRIAÇÃO, 53**

### **SÍNDROMES DE JÚPITER, 59**

O mito de Zeus, o Deus dos deuses, 61

Palavras-chave associadas ao arquétipo de Júpiter, 62

As síndromes de Júpiter, 65

Sugestões de cura para as síndromes de Júpiter, 77

### **SÍNDROMES DE SATURNO, 81**

O mito de Crono, 83

Palavras-chave associadas ao arquétipo de Saturno, 84

As síndromes de Saturno, 86

Sugestões de cura para as síndromes de Saturno, 112

### **SÍNDROMES DE URANO, 117**

O mito de Urano, 118

Palavras-chave associadas ao arquétipo de Urano, 120

As síndromes de Urano, 121

Sugestões de cura para as síndromes de Urano, 137

### **SÍNDROMES DE NETUNO, 143**

O mito de Poseidon, 145

Palavras-chave associadas ao arquétipo de Netuno, 146

As síndromes de Netuno, 150

Sugestões de cura para as síndromes de Netuno, 177

### **SÍNDROMES DE PLUTÃO, 185**

O mito de Hades ou Plutão, o rico, 187

Palavras-chave associadas ao arquétipo de Plutão, 188

As síndromes de Plutão, 191

Sugestões de cura para as síndromes de Plutão, 219

Por que é que se tem Plutão no mapa astrológico?, 222

## **PARTE III**

### **A CAMINHO DA CURA, 225**

Anexos, 231

Termos astrológicos técnicos citados, 233

Os chacras, 237

Outras referências bibliográficas, 243

# Prefácio

No dia 24 de agosto de 2006, a comunidade dos astrólogos foi surpreendida com a notícia de que a XXVI Assembléia Geral da International Astronomical Union (IAU), em seu congresso anual em Praga, havia estabelecido o “rebaixamento” astronômico de Plutão, que passaria a ser considerado um planeta anão. Essa desclassificação foi decidida em conformidade com uma série de novos critérios científicos relativos ao peso, à medida e à órbita dos demais planetas. Questionamentos, dúvidas, ceticismo e até revolta foram as reações mais evidentes; outros deram de ombros, mas não tão indiferentes assim.

O rebaixamento astronômico de Plutão foi polêmico entre os próprios cientistas-astrônomos. Em março de 2007, no estado norte-americano do Novo México, foi proposta uma lei que contesta a posição da IAU e determina que, ali, Plutão ainda deve ser considerado um planeta. Não satisfeitos, os astrônomos instituíram o dia 13 de março como o Dia de Plutão.

Um foco de luz e curiosidade se abriu sobre a validade dos postulados astrológicos, tanto por parte da grande mídia quanto de quem faz algum uso deles, seja para consultas periódicas, para livros ou para o autoconhecimento. Enfim, o que mudou para o astrólogo e para o seu ofício? Nada. Em termos astrológicos a questão é irrelevante, pois a “desclassificação” do planeta, por assim dizer, não o faz perder qualquer característica simbólica que lhe tenham atribuído. A astrologia não trabalha com

relações de causa e efeito, com um critério científico e racionalista, e não considera o tamanho do corpo celeste relevante em sua eficácia simbólica.

A astrologia, em essência, é uma linguagem simbólica e, como tal, diz respeito ao que chamamos de arquétipos – princípios ou idéias estruturantes inatas ou herdadas na psique humana coletiva. Os símbolos planetários representam diferentes motivações, necessidades e impulsos da natureza humana. Plutão é o planeta sempre associado aos processos de desconstrução, regeneração e transformação da vida, para que haja nova consciência. Morte e vida lhe dizem respeito assim como o potencial criador e curativo do inconsciente.

Plutão – ou Hades, na mitologia greco-romana – era o senhor absoluto dos mundos subterrâneos e invisíveis. Ele não tinha altares para ser cultuado e tampouco poderia ser visto pelos mortais, pois usava um elmo que o tornava invisível. Seu nome quer dizer “riqueza”, pois tem o poder de revelar tesouros e talentos ocultos que ficam disponíveis em momentos de dor e devastação da alma humana. Como dizia Nietzsche: “Aquilo que não me destrói me fortalece”.

Este livro contém informações preciosas sobre a natureza transpessoal dos planetas que estão além da órbita de Saturno – bem definidos por Dane Rudhyar como os “embaixadores da galáxia”, pois, ao nos colocarem em contato com dimensões mais vastas e profundas da psique, promovem nível mais alto de consciência. Urano, Netuno e Plutão são catalisadores de mudanças porque dissolvem padrões mentais e emocionais arraigados, que bloqueiam a visão e o desenvolvimento de um indivíduo.

É necessário dizer também que, por outro lado, Plutão e destino andam de mãos dadas e muitas vezes atadas. No plano psicológico, não é raro observarmos como seus trânsitos ou progressões podem desencadear a erupção de complexos ou síndromes em

que a vontade individual, a escolha e, por fim, o arbítrio não têm nenhuma eficácia; há uma verdadeira humilhação ou rendição do ego que leva ou não a uma mudança.

James Hillman, analista junguiano, escreve a respeito de caráter e destino:

Parte daquilo que quero dizer com “força do caráter” é a persistência das anomalias incorrigíveis, esses traços que não conseguimos consertar, não conseguimos esconder e não conseguimos aceitar. Resoluções, terapia, conversão, o arrependimento do coração na velhice – nada prevalece contra eles, nem mesmo a oração. Restamos entender que o caráter é realmente uma força que não pode sucumbir à força de vontade nem pode ser alcançada pela graça. A força de suas fraquezas zomba de todos os livros de virtudes, cujos esforços para esclarecer são velas acesas ao vento.

Gosto muito de admirar árvores, em especial as de grande porte. Vejo-as como um símbolo perfeito de força plutônica, unindo o céu e a terra, o alto e o baixo, a luz e a escuridão ctônica. Se nos sentássemos embaixo de uma dessas árvores-mães e pegássemos uma única semente por ela jogada ao chão, poderíamos indagar, numa breve reflexão:

*De onde vem a seiva que faz brotar e crescer esta bela árvore cuja generosidade nos dá proteção, sombra e memórias, além dos frutos e das flores que colorem a paisagem, e oferece moradia para inúmeros seres da natureza?*

*De onde vem a água das nascentes que jorra delicadamente para perpetuar a vida?*

*De onde vem a lava dos furiosos vulcões, vomitando e jorrando labaredas de fogo?*

*De onde vêm o petróleo e os outros incontáveis recursos energéticos igualmente invisíveis porque subterrâneos?*

*Como vamos nos reconciliar com a abundância de Gaia, cuja infinita paciência parece ter se esgotado porque estamos destruindo-a diária e impunemente? Continuaremos vivos?*

Com a palavra, vossa excelência Plutão.

Tereza Kawall, abril de 2007

# A Apresentação

Em 1993, Valdenir Benedetti, amigo e colega de profissão, organizou um congresso de astrologia cujo tema era “Técnicas e estilos na interpretação de horóscopos” e convidou os nomes de maior destaque da astrologia brasileira da época para apresentar suas técnicas de interpretação. Nesse congresso, conheci Márcia Mattos.

Lá estava ela com seu jeito lúcido, inteligente, articulado, descrevendo seu modo de interpretar um mapa astrológico e revelando a melhor maneira de fazê-lo. Identifiquei-me de imediato com a profissional – e também com a pessoa. Dessa identificação nasceu uma amizade leal e fértil.

Como sua admiradora, fiz todos os cursos de especialização que ela já ofereceu em São Paulo e sempre acompanhei sua carreira com a humildade e o respeito de uma discípula, a honra e a confiança de uma amiga – e com muita alegria por nossa parceria, que tantas vezes já se mostrou fecunda.

Todos os seus trabalhos são brilhantes, fruto de uma inteligência sensível e perspicaz, de muito estudo, trabalho e disciplina, além da coragem de se autoquestionar e analisar continuamente – atitude, aliás, indispensável ao profissional de aconselhamento, que é responsável e tem consciência do papel que desempenha.

De todos os seus trabalhos, este, que trata das síndromes dos planetas transpessoais e de Saturno, foi sempre o que me chamou mais a atenção pela genialidade conceitual e psicológica. (Tenho especial atração pelo caráter psicológico da astrologia.)

Há alguns anos venho insistindo com Márcia para que edite e publique esse trabalho, pois seu ineditismo e, repito, genialidade poderiam ser, a qualquer momento, sincronicamente replicados. Até que me candidatei a fazê-lo: reuni todos os seus cursos apostilados sobre o tema, editei o texto e concebi um livro.

Além de muito ter me honrado seu consentimento, estimulou-me a acrescentar alguns trechos que, acredito, ajudam a compor a preciosidade tipológica e arquetípica deste trabalho.

Acrescentei as síndromes de Júpiter às já existentes síndromes de Plutão, Netuno, Urano e Saturno, por considerá-las tão marcantes quanto as outras; apesar de mais leves, ainda são determinantes de um arquétipo ou tipo psicológico.

Também sugeri o acréscimo dos mitos gregos, que, além de representativos da cultura ocidental, deram origem aos arquétipos que serão discutidos. Os caracteres arquetípicos (ou até mesmo compulsivos) sob análise são personificados nos deuses da mitologia helênica. E, como uma coisa puxa a outra, acrescentei uma parte conceitual sobre arquétipos, vistos pela ótica da psicologia junguiana, que “pensa” o ser humano como uma totalidade e “conversa” com qualquer área do saber humano que se utilize de linguagem simbólica, como é o caso da astrologia.

Com sua vasta experiência e acuidade intelectual, fruto de vinte anos de consultoria em astrologia e de alguns milhares de mapas elaborados, Márcia Mattos captou com muita singularidade a profunda influência que os planetas exteriores exercem na personalidade de um indivíduo quando ocupam um lugar de destaque em seu mapa astrológico. Tal destaque pode se dar pelo fato de o planeta encontrar-se num dos ângulos do mapa ou por estar envolvido com os luminares ou planetas pessoais, apenas para citar alguns exemplos.

Essa tendência e esse direcionamento da personalidade – que, na maioria dos casos, se apresentam de maneira compulsiva –,

Márcia Mattos chamou de síndrome ou perda de autonomia do sujeito ante a força arquetípica de determinado planeta e a função psíquica que ele representa, transformando seus portadores em *tipos psicológicos* e, portanto, astrológicos bem definidos.

Este livro é sobre padrões de comportamento e foi escrito para ser compreendido por todo tipo de leitor. Procurei manter a linguagem coloquial e espirituosa, tão típica das aulas de Márcia Mattos, e me esmerei para encontrar a maneira mais simples de transmitir a parte conceitual. Qualquer leigo em astrologia ou psicologia poderá compreender esta análise e, mais do que isso, identificar-se com ela e até mesmo procurar empreender seu processo de cura, caso seja portador de alguma síndrome.

Por último, mas não menos importante, quero pontuar a relevância desta obra no que se refere à compreensão dos planetas exteriores e da força que exercem tanto nos mapas astrológicos quanto na composição da personalidade dos indivíduos.

Gostaria ainda de lembrar aos estudantes de astrologia que este livro é condição *sine qua non* para uma boa formação profissional.

Ciça Bueno / junho de 2003